

Cada lugar, um lugar; cada lugar, uma lei; cada lei, uma razão: um estudo sobre concepção de gangues

Euler Brennequer Santos Alves ¹, Vitor Taliel de Oliveira ¹, Juliana Eugênia Caixeta ¹

¹ Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Brasil. Eulerbrennequer@hotmail.com; taliel@hotmail.com; eugenia45@hotmail.com

Resumo. Esta pesquisa teve como objetivo compreender os significados relacionados a gangues e seus impactos nas vivências de professores e moradores de um bairro periférico, Brasília, a partir da análise de narrativas, mediadas por trechos de letras de música de RAP. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, tendo como técnica de construção de dados a entrevista narrativa mediada. Os dados foram construídos a partir de uma entrevista aberta, realizada com nove moradores de uma periferia e três professoras. A discussão apresenta os significados encontrados nas narrativas dos participantes e os impactos destes nas suas vivências. Evidenciam-se os aspectos culturais, sociais e simbólicos na forma com que os adolescentes/jovens integrantes de gangues se relacionam, entram e permanecem nesses grupos.

Palavras-chave: gangues; rap; periferia; entrevista narrativa.

Each place, one place; each place, one law; each law, one reason: a study on design of gangs

Abstract. This research aimed to understand the meanings related to gangs and their impact on the experiences of teachers and residents of a suburb, from the analysis of narratives, mediated by RAP snippets. We conducted a qualitative research with the technical narratives. The dates were constructed from an open interview, conducted with nine Evidenciam-se os aspectos culturais, sociais e simbólicos na forma com que os adolescentes/jovens integrantes de gangues se relacionam, entram e permanecem nesses grupos and three teachers, with the mediation of the narrative, RAP snippets. The discussion presents the meanings found in the narratives of the participants and the impact of these on their experiences. It evinces the cultural, social and symbolic aspects in the way these teens/youngsters relate, enter and remain in those groups.

Keywords: gangs; rap music; periphery; narrative interview.

1 Introdução

Na realidade periférica, fatores econômicos e culturais marcam a entrada de adolescentes/jovens em grupos criminosos, conhecidos como gangues. Os significados que envolvem estes fatores estão às condições materiais e ao universo moral e cultural desses jovens, cujas "(...) simbologias sustentam a existência desses grupos" (Zilli, 2015, p.6).

Neste trabalho, tivemos como objetivo compreender os significados relacionados a gangues e seus impactos nas vivências de moradores e professores de uma realidade periférica, a partir da análise de narrativas, mediadas por trechos de letras de música de RAP.

2 Fundamentação Teórica

Gangues são "um conjunto de pessoas cuja relação está interligada com representações simbólicas, regras e códigos morais, que orientam os participantes deste determinado grupo" (Zilli, 2015, p. 461) a posicionamentos sociais relacionados com práticas criminosas e violentas (Manso, 2005). Desta forma, os crimes e os diferentes tipos de violência praticados por gangues não visam somente à

obtenção de um bem material, concreto, mas ao estabelecimento,(a) internamente, de regras e condutas que orientam ações, representações e modos de os jovens se relacionarem entre si; e, (b) externamente, a um posicionamento de status e de controle, pelo medo, da comunidade à qual estão vinculadas (Manso, 2005; Zaluar, 2003; Zilli, 2015). Em síntese, as gangues estão vinculadas à prática da violência e ao domínio de um território específico: existem regras claras que “limitam o acesso de membros de gangues em determinados locais e a lógica da divisão territorial estabelecida nem sempre é de fácil compreensão para quem olha de fora, mas os jovens conhecem exatamente onde podem, ou não, circular” (Andrade, 2007, p. 189).

A relação das gangues com a periferia é histórica. Andrade (2007) e Abramovay (2004) explicam que as gangues emergiram como uma resposta da juventude para a situação de exclusão social imposta pela pobreza e pela falta de acesso aos bens culturais que favorecem a inclusão, como: lazer, educação e esporte. No entanto, se por um lado, houve o surgimento das gangues; por outro, houve o surgimento das galeras, que são grupos de jovens que vão utilizar a arte, especialmente o Movimento Hip Hop, para denunciar a situação de exclusão vivida.

No Distrito Federal, contemporaneamente, há uma forte ligação entre gangues e bairros periféricos de Brasília. Abramovay (2004) explica, inclusive, que as gangues são tipificadas pelos lugares aos quais pertencem, por exemplo, Gangue de Tanguatinga, da Ceilândia, de Planaltina, havendo subdivisões a partir do território que cada qual ocupa nessas cidades.

Neste trabalho, procuramos compreender os significados relacionados a gangues e seus impactos nas vivências dos moradores e professores de uma realidade periférica de Planaltina, Distrito Federal, a partir da análise de narrativas, mediadas por trechos de RAP. Por realidade periférica, compreendemos bairros que se situam na periferia de suas regiões administrativas, com infraestrutura precária do ponto de vista da segurança para a saúde, ou seja, com condições inadequadas de moradia e sem acesso aos serviços básicos de saúde e saneamento; com pouca provisão de empregos. Espaços em que estão concentradas as populações de baixa renda (Abramovay, 2004; Andrade, 2007).

O RAP foi escolhido como mediador da narrativa dos participantes, porque, como explicam Andrade (1999) e Alves, & Oliveira, (2016), o gênero musical mais escutado nos bairros periféricos, no Brasil, é o RAP, usado como um instrumento de protesto e de denúncia da realidade. Trata-se de uma forma poética de se manifestar e envolver o ouvinte em um processo de reflexão sobre o que está sendo concretizado em forma de canção. Nesta perspectiva, temos o RAP como uma manifestação poética oral, onde, através de uma troca mútua, entre aquele que canta e aquele que escuta, surge o dizer ao outro sobre sua forma de ser, estar e ler o mundo que o (a) cerca, inclusive, sobre as vivências que a periferia tem com as gangues (Andrade, 1999).

3 Metodologia

A metodologia qualitativa busca identificar os significados que são construídos nas e pelas interações sociais no encontro da tríade: pesquisadores-participantes-fenômeno investigado (Sampieri, Collado, & Lucio, 2013; Minayo, & Guerriero, 2014). Neste sentido, as entrevistas narrativas oferecem possibilidades de “fazer a pessoa tornar-se visível para ela mesma” (Cunha, 1997, p.3), proporcionando a livre expressão sobre a temática abordada. Nesta pesquisa, optamos pela entrevista narrativa mediada e não apenas pela entrevista aberta, porque ela utiliza instrumentos mediadores que provocam narrativa, num ato de resolução de problema, que é próprio da narrativa (Caixeta, & Borges, no prelo). Os instrumentos podem ser fotografias, objetos (Caixeta, 2006) ou, neste caso, letras de RAP.

Sintetizando, as vantagens do uso da entrevista narrativa mediada tem a ver com:

diferentes formas de aprofundamento das narrativas, porque provocam no/a participante a ação de pensar sobre si e sobre o seu cotidiano de forma mediada por instrumentos que vão além da própria natureza concreta. O aprofundamento das narrativas diz respeito a/ao: a) aparecimento de novos personagens nas narrativas; b) construção de novas relações entre os personagens das narrativas; c) detalhamento de eventos narrados em entrevistas anteriores; d) construção de novas posições-EU no processo de identificação; e) construção de novos significados para a história de si e para os próprios instrumentos mediadores e f) construção de novas emoções, afetos e valores no processo narrativo (Caixeta, & Borges, no prelo, p.1-2).

Nesta pesquisa, optamos pelas letras do RAP como mediadoras das narrativas, por conta de ser um ritmo reconhecido como “a voz da periferia”, que narra o contexto de exclusão dos moradores deste espaço social (Andrade, 1999; Oliveira, & Caixeta, 2015). Foram selecionados 13 trechos de letras de RAPs que mais apresentaram relação com os conceitos estudados na teoria, tais como ações, representações e modo de relação das gangues (Manso, 2005; Andrade, 2007; Zilli, 2015;). Nas palavras de Bentes (2004), o RAP é “a expressão dos que mais sofrem e aqueles que possuem, apesar de todas as dificuldades, um compromisso com uma sociedade mais justa” (Bentes, 2004, p.24). Neste contexto, entendemos que as letras de RAP permitem a construção de uma visão de mundo capaz de dialogar com os interlocutores-ouvintes (Bakhtin, 1982) sobre si e suas vivências na periferia.

Participaram da pesquisa 9 moradores do bairro periférico Flor de Liz¹, nome fictício, localizado em Planaltina, Distrito Federal, Brasil. Esses moradores possuíam idade entre 16 e 43 anos. Participaram, também, uma professora, que atua em uma Unidade de Internação que tutela adolescentes que cumprem a medida socioeducativa de internação e duas professoras que atuam nos bairros periféricos Girassol e Orquídea. Ambas professoras possuem formação em ciências naturais, sendo uma mestre e outra mestranda em Ensino de Ciências.

Os moradores foram abordados nas ruas do bairro Flor de Liz pelos pesquisadores. Nesta abordagem, os pesquisadores desenvolviam um cumprimento, seguido da informação sobre a pesquisa e seus objetivos. Após aceitarem participar da pesquisa, foram levantadas propostas de locais para a realização da entrevista. Este procedimento foi importante, porque, ao realizar a entrevista em locais propostos pelos participantes, criou-se um ambiente mais agradável para a construção da narrativa. Em relação às entrevistas feitas com as professoras, elas foram realizadas de acordo com a disponibilidade de cada professora, agendadas com antecedência e realizadas em locais propostos pelas mesmas.

Foi explicado aos participantes o sigilo dos dados, antes da realização da entrevista mediada. Assim, o(a) participante que concordou com os procedimentos e aceitou participar da pesquisa, teve que assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que fosse possível dar prosseguimento aos procedimentos da pesquisa.

Como técnica de pesquisa, utilizou-se a entrevista narrativa mediada, cujo roteiro de entrevista foi composto por apenas uma pergunta, antecedida pela leitura de trechos de músicas de RAP: Qual a relação desta letra de RAP com suas vivências? Desse modo, os participantes puderam narrar livremente sobre os impactos daqueles trechos de RAP em suas vivências relacionadas às gangues.

As entrevistas foram gravadas, com o auxílio do celular, e, posteriormente, deglavadas para análise. Para a análise de dados, utilizamos a análise temática dialógica, proposta por Fávero, & Mello, (1997). Esse método de análise se fundamenta no pressuposto de que a comunicação é um processo dinâmico e social em que os interlocutores, juntos, constroem conhecimento. Portanto, a partir desta técnica de análise de dados, pudemos construir temas que expressavam significados complexos que os participantes construíram sobre suas vivências relacionadas às gangues, no ato da entrevista mediada.

¹ Os nomes dos bairros, escolas e pessoas utilizados neste texto são fictícios.

Como defendem Minayo, & Guerriero, (2014), o interesse pelo significado que é construído na interação entre os participantes e pesquisadores é primordial para interpretação dos resultados. Para a análise das narrativas, buscando entender os significados relacionados a gangues e seus impactos nas vivências de moradores e professores de bairros periféricos, realizamos a leitura e releitura das narrativas transcritas, procurando identificar possíveis relações entre as narrativas dos moradores com a dos professores, sintetizando a análise em três eixos temáticos: 1) a exclusão social e a formação de gangues, 2) a entrada e permanência nas gangues e 3) impactos das gangues nas vivências de moradores e professores.

4 Análise dos Resultados

1. A exclusão social e a formação de gangues

As gangues “surgem de modo quase espontâneo, não deliberado, também nas escolas, onde os que se consideram mais espertos, mais malandros, aproximam-se” (Andrade, 2007, p. 55). Essa aproximação, por exemplo, pode ser para defender alguém próximo ou até mesmo para obtenção de bens materiais e/ou de ampliação territorial da influência da gangue. Conseqüentemente, podemos dizer que a busca por auto-estima, bens financeiros e proteção são características dos sujeitos que procuram, nas gangues, um modo de enfrentamento dos seus problemas cotidianos, em curto prazo.

“A nossa sociedade, ela é muito consumista. O dinheiro tem muito poder na nossa sociedade (...). Muitos meninos vão roubar pelo simples fato de querer. Querer o tênis de marca, uma camiseta de marca, ter dinheiro pra gastar (...). Eu vou ter a mulher que eu quero, a mina que eu quero, eu vou ter o que comer, como eu já ouvi de alguns meninos, se eu não tenho o que comer, o que eu vou fazer? Eu vou roubar (...). Se eu não matar, eu morro. A senhora acha que eu vou escolher o quê? Se for necessário, eu mato sim, eu mato para não morrer (...). A escola não vai dar dinheiro, não vai dar o que eles querem ter. A escola não tem um sentido, então, eles vão procurar o quê? É só eu ir ali, pegar uma arma, ter dinheiro, matar...” (Professora Maria).

“A fome né. Os pais não tem o que dar prá eles e o crime oferece fácil. O que ele vai fazer? (...) o governo não apóia. O pai até trabalha, a mãe trabalha, mas não é o suficiente pra manter o filho numa ocupação, porque o governo não oferece nada” (Morador Lucas).

Essa problemática não poderia ser explicada tomando somente como base questões de exclusão social e precariedade, pois “se fosse assim, não teríamos tantos jovens “bens nascidos” envolvidos com gangues no Distrito Federal e em outras partes do Brasil (Andrade, 2007, p. 88)”. Porém Zilli (2015) relata que, ao analisarmos a taxa de homicídios envolvendo jovens e adolescentes, percebe-se um perfil bastante específico: “grande parte negros, de baixa escolaridade, homens, que foram feridos por armas de fogo” (p. 463). Mesmo em grandes cidades, esses homicídios, envolvendo jovens, estão concentrados em bairros periféricos. Assim, o surgimento dessa problemática relacionada à entrada desses jovens nos grupos criminosos se dá por caráter simbólico, por exemplo, realizar um ato para obtenção de honra, característica típica da juventude (Andrade, 2007), ou se dá, também, por questões sociais daquele contexto, levando em conta o periférico (Zilli, 2015), que possui uma grande precariedade no que diz respeito ao serviço público.

As narrativas evidenciaram que os jovens/adolescentes ligados a gangues dão muita importância ao ter possibilidade de possuir bens culturais que garantam sua visibilidade no grupo e na comunidade,

para isso, buscam no crime o suprimento de suas necessidades e desejos, demonstrando o empenho em provar coragem e demonstrar a adesão aos valores propostos pelos membros das gangues. E é por isso que em algumas situações é necessário “matar para não morrer” e o ato de matar pode trazer um status.

2. Entrada e permanência nas gangues

A entrada e permanência em uma gangue estão ligadas a códigos de honra, respeito, lealdade, temeridade e astúcia: lealdade à quebrada, proteção de amigos e impiedade para com os inimigos e obediência às regras do grupo. Ou seja, inclui critérios - proteger amigos, prejudicar inimigos, ganhar o máximo, perder o mínimo - para entrada e permanência em qualquer grupo nas sociedades excludentes e marcadas pela competição em detrimento da cooperação. Entrar para uma gangue significa estar pertencente a um grupo que provê espaços de atuação protagonista, ainda que de maneira socialmente inadequada, pela prática da violência (Abramovay, 2004). Pereira, Penso, & Ferro, (2009) explicam que, na adolescência, a formação de redes de pertencimento garantem um espaço social de formação e de atuação de si. Portanto, adolescentes/jovens que entram para gangues estão à procura de reconhecimento e poder: *“a partir do momento que esse menino tem o poder, ele é respeitado, ele se impõe, ele vai querer é realmente mostrar o poder dele ali no meio.”*, relata Maria, professora da Unidade de Internação. No entanto, há um custo para esta vinculação:

“O chefe vem, vai buscando os de menor, né, então os de menor vão tudo ficando no lugar dos de maior e essa guerra nunca vai acabando porque eles te dão de graça um pouquinho hoje pra você ter que pagar por isso no futuro e geralmente não é com dinheiro que você vai pagar às vezes você paga com sua vida” (Moradora Laura).

Matar, roubar e dar um tiro em alguém pode fazer parte do processo de entrada e permanência nesses grupos. Esses atos exigem coragem, característica necessária para merecer respeito dos membros das gangues perante elas mesmas e a comunidade. Sobre essa questão, Manso (2005) aprofunda:

A pessoa deve mostrar que não admite desaforos e, quando se sente ameaçada ou desafiada, deve se antecipar à própria morte, tentando matar para não ser morto. Em virtude dessa situação, os homicídios que parecem banais para os que observam de fora são considerados “necessários” pelos seus autores (p.105).

Assim, para promoverem a entrada de adolescentes/jovens, nesses grupos criminosos, os chefões, que são os líderes das gangues, prometem benefícios, como: dinheiro, droga e respeito perante a comunidade. Esta atuação do chefe serve para buscar o máximo de aliados possíveis para o seu grupo, o que implica em estratégia de proteção para si e seu grupo, além de possíveis vitórias nas guerras de gangue, em prol de expansão ou manutenção territorial.

A entrada em uma determinada gangue exige o cumprimento de algumas regras, denominadas “lei da periferia” (Manso, 2005). É ela que estrutura as gangues, define o funcionamento das relações desses grupos e regula sobre os principais conflitos. Segundo Zilli (2015), essa lei “parece referir-se a um conjunto de crenças, normas, valores e condutas que regem as relações entre os jovens envolvidos com as gangues e suas comunidades locais” (p.13). Deste modo, as gangues acabam se tornando uma espécie de autoridade local que se encarrega de fiscalizar o uso dessas regras. Neste conjunto de regras e valores, os jovens definem, como “lei da periferia”, “valores como lealdade, discricção, fidelidade, honestidade, hombridade e respeito” (Zilli, 2015, p.13).

O adolescente/jovem deve manter-se fiel a essa lei, principalmente no que diz respeito à lei do silêncio, que é válida não só para os integrantes de gangues, mas também à comunidade local: *“aprende em casa (...)”,* pois *“se viu ali, morreu aqui (...)”*, como explica o participante Marcus.

Para pertencer a gangues, o adolescente/jovem precisa manifestar postura de coragem e intimidação frente aos outros, inclusive, na escola: *“Eles postam fotos com arma, com dinheiro, como um aluno de quinta série vai conseguir tanto dinheiro?”* afirma a professora Luana.

A atitude *“é medida que estabelece o grau de reputação e respeitabilidade de uma pessoa”* (Andrade, 2007, p.130). Portanto, ser respeitado, na periferia, ou *“ser considerado”*, na narrativa dos participantes da pesquisa, é um fator motivacional que marca a entrada de adolescentes/jovens no mundo do crime, inclusive, pelo uso de armas. Quando o indivíduo pertence a determinado grupo, possuir a disposição para matar é um caráter que alavanca esse *“status”*, que é buscado por muitos jovens. O respeito e a diminuição da chance de ser denunciado promovem uma inquietação em gangues rivais e fortalece a relação do indivíduo com os aliados da sua *“quebrada”*, como narra a professora Maria: *“Então, pra eles a arma é o que é mais fácil, eles conseguem com uma facilidade... Então tudo pra eles resolvem com isso, não tem outra forma (...)”*.

Para adquirir respeito, a arma se torna símbolo da pertença dos adolescentes às gangues. Segundo a professora Luana, *“as meninas não podem ver um rapaz com arma, traficante, que já quer se relacionar”*, evidenciando que *“possuir uma arma passa a ser uma necessidade dentro da lógica da busca de “consideração” e o “ferro”, símbolo visível de poder e prestígio, tornam-se “fetiche” entre os jovens”* (Andrade, 2007, p.114).

“O cara tem que desmanchar tanta alma pra subir.. É uma escada de sangue mesmo.. O cara vai subindo só no sangue dos outros, no sangue do próximo” (João).

“Transgressões menores, roubo, são bem menos respeitadas do que um adolescente que pratica homicídio (...). Eles, por exemplo, só de olhar, o sujeito já vai saber que é a hora dele ficar calado, então é bem interessante essa coisa dos homicidas, eles são mais respeitados, são mais bem vistos” (Professora Maria).

As narrativas demonstraram que os atos violentos se relacionam a um conjunto de normas a partir do qual os integrantes desses grupos orientam suas ações, representações e modos de se relacionarem: *“se manifestam entre interação desses autores, tais como discussões sobre futebol, disputa por mulheres, dentre outros desentendimentos banais”* (Zilli, 2015, p.10). Ao que tudo indica, esse conjunto de normas está ligada a valores culturais tradicionais, tais como, a honra masculina, comprar briga por alguém e outras condutas machistas, autoritárias e opressoras.

3. Os impactos das gangues nas vivências dos moradores

Professores e moradores construíram significados similares com relação às suas experiências com gangues, ou seja, as gangues implicam em posicionamentos de si e de grupo atrelados a atos de violência e de dominação territorial, marcados por forte aliança de fidelidade entre os companheiros de quebrada (Abramovay, 2004; Andrade, 2007); no entanto, as implicações narradas são diferenciadas com relação aos moradores e às professoras.

Os moradores destacam o fato de suas comunidades serem dominadas pela autoridade marginal, cuja lei máxima é a do silêncio. O reflexo dessa lei, no cotidiano dos moradores da periferia, se reflete na presença de uma autoridade marginal para coibir a ocorrência de delitos na quebrada, que é o território de abrangência da gangue: *“Os caras são loucos, parceiro. Eles querem impor uma*

autoridade, tá ligado, que não é o corretor velho, é um jeito meio estranho de atacar as pessoas. É a lei deles, tá ligado”, como comenta o morador Márcio.

A lei do silêncio é importante para coibir comportamentos nomeados de “tiração” como, por exemplo, acionar a polícia, denunciar, roubar drogas, passar informação sobre a gangue, dentre outros. O rompimento da Lei do “silêncio” quase nunca é perdoada, inclusive, para pessoas que não são integrantes de gangues, que podem sofrer com punições: *“Pode ter certeza que vai dar merda. Se caguetar... É uma das leis. É complicado”,* narra o morador Lucas.

A presença das gangues na periferia impacta, portanto, a forma como as pessoas se relacionam em suas comunidades e com as comunidades vizinhas e, também, o conteúdo do que podem comunicar, uma vez que a lei do silêncio impede que se fale sobre qualquer assunto na quebrada. Caso haja violação desta lei, o risco é de morte: *“nós brincávamos na rua, nós tínhamos que sair correndo, só tinha que brincar com os portão aberto, porque só começa os tiros pa pa pa pa pa, prá tudo que era canto, só saía gente correndo”* (Moradora Alice).

Nas narrativas, os participantes enunciaram que moradores de bairros periféricos, que fazem ou não parte de gangues, tem medo em relação a sair de casa ou frequentar bairros rivais. Alguns utilizam estratégias como mentir o nome do bairro onde vivem ou omitir como forma de proteção; outras estratégias utilizadas são: permanecer em casa, reunir-se com amigos em locais discretos e há aqueles que preferem andar armado. Todas essas precauções estão interligadas a apenas um medo: morrer por nada.

Outro impacto das vivências com gangues se refere à disponibilidade de propostas de uma vida fácil na comunidade, mas que tem seu preço, como explica o morador Igor: *“O cara tem muita coisa novo demais entendeu, e acaba morrendo novo demais, muito jovem”*.

“Eu já vi muita gente na porta da escola mesmo ou aqui na rua, prometendo várias coisas (...) droga, vidinha de ostentação, prá fazer as pessoas deixarem de ir prá escola pra poder viver nessa vida, tanto que metade das pessoas que cresceram comigo, uma metade está preso e a outra metade já morreu” (Moradora Luana).

Em síntese, a morte precoce de adolescentes e jovens da comunidade, a limitação da livre comunicação e do livre trânsito pela própria comunidade e pelas comunidades vizinhas, além da presença dos chefões do tráfico foram impactos narrados pelos moradores nesta pesquisa.

Por outro lado, as professoras destacaram quatro tipos de impactos que elas percebem: a) sobre a escola; b) sobre a comunidade; c) sobre os estudantes; e d) as relações interpessoais na escola.

Sobre a escola, elas narram a presença de estudantes que são membros de gangues e que compartilham, neste espaço, as mesmas leis que regem a organização de grupo: lei do silêncio e a lei do mais forte, como pode ser percebida neste trecho da narrativa da professora Maria:

“Um dia um aluno me falou bem assim: professora, quando a senhora precisar de arma é só falar comigo. Pode deixar que eu resolvo pra senhora (...). Não, menino, eu não preciso que ninguém resolva nada pra mim, eu mesmo resolvo (...) é, professora, mas quando a senhora quiser alguma coisa, pode falar (...).”

Por outro lado, problematizam a função da escola com estes estudantes, como pode ser verificado na narrativa da professora Luana: *“A escola não vai dar dinheiro, não vai dar o que eles querem ter. A escola não tem um sentido, então, eles vão procurar o quê?”* O posicionamento da professora Luana traz à tona que a escola pode, também, ser elemento de violência para estes estudantes, uma vez que não tem dado conta de oportunizar contextos pedagogicamente organizados para fazê-los se vincular ao processo educativo. Ao contrário, em geral, muitos estudantes que tem envolvimento com gangues são, também, fruto do fracasso escolar (Cláudio, 2015).

Sobre a comunidade, as professoras destacaram a restrição que as gangues imputam aos estudantes no que diz respeito às tomadas de decisões sobre si mesmos e seus desejos, por exemplo, como narra a professora Luana: *“Só de perguntar de onde você...só o fato de você falar de onde é, dependendo do lugar que você seja, já é motivo para ele poder te matar. É bem forte isso!”*

Sobre os estudantes, as professoras narram, com certo espanto, o que os estudantes vinculados a gangues são capazes de fazer.

“Eu vou ter a mulher que eu quero, a mina que eu quero, eu vou ter o que comer, como eu já ouvi de alguns meninos, se eu não tenho o que comer, o que eu vou fazer? Eu vou roubar (...). Se eu não matar, eu morro, a senhora acha que eu vou escolher o quê?” (Professora Luana).

“Os meninos aqui, no geral, acha que brigar é natural (...). Esses dias mesmo me perguntaram como é que eu queria morrer. Eu disse: ué, morte natural. Aí, professora, muito besta isso aí! Então, perguntei, quais são as outras mortes então? Ah, professora tem morte de faca, morte de tiro, morte com arma. Menino, eu quero é morrer natural, procurar coisa pra que?” (Professora Maria).

Sobre as relações interpessoais na escola, as professoras narraram que os conflitos, ou de concepções, como já apresentado, no caso da morte, ou de interação para estabelecimento, inclusive, de poder, são os maiores impactos da vivência com gangues:

“Aqui, no ano passado, teve na escola um caso assim. Uma menina fez casinha pro outro, teve que sair da escola. Ficou com um de uma gangue e depois ficou com outro. Falaram que ia matar ela na escola. Passou pouco tempo, o que ela tinha feito casinha morreu, eles mataram, então ela tá com risco (...).Seis anos atrás, uma menina foi morta porque sabia demais, bem na esquina da escola, aí deram três tiros na cabeça dela (...) vê aquela criança jogada no chão, a menina tinha 13 anos (...).realmente a família é a que mais sofre(...). Uma coisa dessas parece que não sai da cabeça da gente já fez 6, 7 anos, mas não” (Professora Maria).

5 Conclusão

Cada lugar, um lugar; cada lugar, uma lei; cada lei, uma razão: um estudo sobre concepção de gangues foi uma pesquisa desenvolvida com o objetivo de identificar os significados relacionados a gangues e seus impactos nas vivências de moradores e professores de uma realidade periférica. Os resultados indicaram que o lugar periferia, onde aconteceu a pesquisa, apresenta especificidades quanto a sua construção sociocultural que só pode ser entendida a partir das relações humanas que lá se estabelecem. O lugar não é simplesmente um espaço físico, senão um espaço social de construção de si e do outro, numa relação contínua de troca. Nestas relações, no espaço do entre, leis são tecidas de forma a orientar comportamentos neste espaço periférico, com base em razões que são construídas pelas próprias gangues. Desta forma, a periferia experiencia, num estado de direito, a contradição de viver sob a égide da lei marginal que define territórios, crenças e comportamentos; que, por outro lado, reage por meio da arte, a arte da rua, do RAP, que denuncia a exclusão social e as possibilidades de transformação social que emergem do confronto e do encontro com as pessoas marginalizadas e não somente marginais.

A pesquisa evidenciou que as relações dos adolescentes/jovens com as gangues, seus valores e suas representações, estão norteados por alguma razão. Compreendemos que uma das razões que levam os jovens/adolescentes a entrarem nesses determinados grupos está interligada com a necessidade de querer ser uma pessoa reconhecida na comunidade. No entanto, este reconhecimento é construído não por uma relação de admiração, mas por uma relação de medo e opressão. Os

problemas sociais que caracterizam a periferia foram apontados como contextos motivadores para o ingresso e permanência de adolescentes/jovens nas gangues. Além deles, há o contexto mais amplo de uma cultura consumista.

Com relação às dificuldades de realização da pesquisa, citamos o clima de desconfiança gerado para os moradores pelo fato de nem todos os pesquisadores residirem no bairro periférico onde as pesquisas foram realizadas. No entanto, o diálogo fraterno permitiu que os moradores convidados, após a explicação da pesquisa, seus objetivos e metodologias, permitissem a aproximação dos pesquisadores, inclusive, para gravar as entrevistas.

Ressaltamos que os impactos dos significados das gangues, nas vivências dos moradores e professores demonstram a dificuldade que adolescentes/jovens, vinculados a gangues, tem de vislumbrar perspectivas positivas para o futuro, como, por exemplo, desenvolver projetos de vida desvinculados do crime. Portanto, entender os significados relacionados a gangues e seus impactos nas vivências de professores e moradores de um bairro periférico nos mostrou que intervenções em favor da cultura da paz devem ser feitas a partir do fortalecimento da ação comunitária, uma vez que foi no espaço do coletivo que, principalmente, as pessoas narraram as conseqüências das gangues. Um caminho possível é fortalecer a comunidade, inclusive, para mobilizações que requerem o cumprimento de políticas públicas de educação, moradia, saúde, lazer, esporte e trabalho.

Referências

- Abramovay, M. *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades de periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- Alves, E.B. dos S., & Oliveira, V.T. de. (2016). *Diário de campo*. Texto não publicado. Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Planaltina.
- Andrade, E.N. de. (org.). *RAP e educação. RAP é educação*. São Paulo: Summus, 1999.
- Andrade, C. C. (2007). *Entre gangues e galeras: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal*. Tese [Doutorado]. Instituto de Ciências Sociais. Departamento de Antropologia. Universidade de Brasília, Brasília.
- Bakhtin, M. (1992). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bentes, A. C. (2004). *Linguagem: práticas de leituras e escrita*. Volume Dois, São Paulo: Editora Global.
- Caixeta, J. E. (2006). *Guardiães da memória: tecendo significações de si, suas fotografias e seus objetos*. Tese [Doutorado]. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Saúde. Universidade de Brasília, Brasília.
- Caixeta, J. E., & Borges, F. T. (no prelo). *Uso de instrumentos na pesquisa qualitativa: a mediação dialógica nas diferentes entrevistas narrativas*. Em Caixeta, J. E., & Borges, F. T. (orgs.). *Desenvolvimento humano e Narrativas de formação*. Curitiba: Editora CRV.
- Claudio, G.C. (2015). *O ensino de ciências no contexto da medida socioeducativa da internação*. Dissertação [Mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências. Universidade de Brasília, Brasília.
- Cunha, M. I. da. (1997). *Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino*. *Revista da Faculdade de Educação*, 23(1-2). <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010>. Acesso em 18 fev. 2016.

- Fávero, M. H., & Mello, R. M. (1997). Adolescência, maternidade e vida escolar: a difícil conciliação de papéis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 13 (1), 131-136.
- Manso, B. P. (2005). *O homem X: Uma reportagem sobre a Alma do Assassino em São Paulo*. São Paulo: Editora Record.
- Minayo, M. C. de S., & Guerriero, I. C. Z. (2014). Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(4), 1103-1112. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014194.18912013>. Acesso em 18 fev. 2016.
- Oliveira, P.L., & Caixeta, J. E. (2015). Rap, língua portuguesa e socieducação. Em Caixeta, J. E., Sousa, M. A., & Santos, P. F. (orgs). *Educação e Psicologia: Mediações possíveis em tempo de inclusão* (p.223-242). Curitiba: CRV.
- Pereira, S. E. F. N., Penso, M. A., & Ferro, V. (2009). Drogas e tráfico no contexto escolar. Em RITLA (org). *Juventude, Diversidade e Convivência Escolar*. RITLA: Brasília.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B., (2013). *Metodologia de pesquisa*. 5ª.Ed. Porto Alegre: Penso/Mc Graw Hill.
- Zaluar, A. (2003). *Condomínio do Diabo*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Revan.
- Zilli, L. F. (2015). O “mundo do crime” e a lei da favela: aspectos simbólicos de violência de gangues na região metropolitana de Belo Horizonte. *Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, 19(3), 463-487.